



«Trono dos Poetas»

PÁGINA DE FIDELIDADE Do CONFRADE NOGUEIRA PARDAL



NÃO HÁ JARDINS

Há um grito de esperança no canto das aves,
Um domínio do jardim pelas mariposas,
Abelhas zumbindo em volta das rosas,
A beleza do mundo em tardes suaves.

No pequeno lago peixes cor de prata
E rãs coaxando como que a cantar
E o louva-a-deus parece rezar,
Um mundo de sonho em alegre cantata.

Frente ao largo portão do jardim
Eis que passa a menina a chorar
E o poeta que estava a sonhar
Correu p'ra saber porque chorava assim.

Então a menina magrinha e sem nome
De tez amarela e olhar encovado,
De pés descalços, vestido rasgado
Gemeu apenas: Tenho muita fome.

O solitário poeta de corpo a tremer
Foi frente à fome que se ajoelhou
A carita suja com ternura beijou
E disse baixinho: Vem, vamos comer.

Sentou a menina na casa de pasto,
Perguntou-lhe a sorrir o que queria comer,
A mocinha triste não soube dizer
E foi o poeta que escolheu o repasto.

A criança comeu com sofreguidão
Da carne frita algumas fatias,
A fome era velha de muitos dias,
Mas não tão velha como a solidão.

Já não chorava, foi quase a sorrir
Que disse o caminho p'ro bairro de lata,
Onde sabemos que a fome mata
E para as crianças não há mais porvir.

E então o poeta cogitou assim:
Vou ouvir as aves, olhar as flores
Reencontrar o sonho, acalmar as dores...
Mas não encontrou o portão do jardim.

À noite no quarto, um poeta infeliz
Tentou escrever o poema sonhado
Mas só conseguiu gritar revoltado:
Já não há jardins neste meu país.

Viagem

Nasceu no Alentejo, de lá partiu
Na procura do pão que lhe faltava,
Mas a cidade grande nunca viu
Porque um bairro de lata o aguardava.

Mas tinha agora já mais companhia
Porque à fome se juntara a saudade,
Mas era um homem novo, ainda cría,
Lutava por mais pão e mais verdade.

Voltou ao Alentejo que dá pão
O pão que, por má sorte, não comia,
Enterrou muita força naquele chão
E lá deixou um resto de alegria.

O sonho de emigrar, a fome o fez,
A miragem do pão que se não come!
Não chegou à cidade ainda esta vez
Na viagem morreu, morte de fome!

ESCRITO NO MAR

Escrevi teu nome no mar
Com letras da cor da lua
E pintei-te a caminhar
Sobre as ondas, toda nua.

E o mar que assim recebia
Teu caminhar ondeante
Com voz triste me dizia:
Está tão perto e tão distante.

Afinal estavas ali
Por minhas mãos colocada
E sorrias, que eu bem vi,
Como uma mulher amada.

Teu nome desapareceu
Nas águas que o receberam
Porque o mar não entendeu
As letras que lhe escreveram.

Depois, enfim, já não sei
Quando olhei o que é que vi,
Porque apenas constatei
Que já não estavas ali.

Será que o mar te levou
Por não gostar da pintura?
Ou será que se encantou
Com a tua formosura?

Vou mergulhar p'ra saber
Onde o amor me vai levar
E se no mar me perder
Talvez te possa encontrar.

SEM NOME

(Uma em cada três das crianças do meu
País vive abaixo do limiar da pobreza.)

Escrevi um poema sem leitura,
Cantei uma canção que não é minha
Mas daquela pequena criancinha
Que é filha dum país de vida dura.

Nos olhos só lhe vi a amargura,
Tão pequena, tão triste, tão sozinha,
Parecia não ser gente de tão magrinha,
Tão faminta de pão e de ternura.

E vinda do passeio à minha frente
Puxou-me as calças, disse docemente:
"Eu tenho fome, ajude-me senhor"

Chorei de raiva e dei-lhe de comer...
Pobre país onde andam a morrer
Crianças sem pão, sem tecto e sem amor.



Declaração de amor

Lembras-me minha mãe
Perfeita e pura!

Lembras-me a dor
Da vida que não vivi.

Lembras-me meu pai
Serenos e forte!

Lembras-me o miúdo pé descalço
Que não fui!

Lembras-me minha irmã
Pequena e linda!

Lembras-me o irmão
Que sonhei e nunca tive!

Lembras-me os poemas
Que cantei sem ter cantado!

Lembras-me minha mãe
Lembras-me amor!

NOITE ESCURA

Noite alta
Cidade deserta
Silêncio e solidão.
Tudo me falta
Tudo me aperta
O coração.

Caminho
Como quem procura
Sem saber o quê
Sozinho
Na noite escura
Nada se vê

Viro a esquina
Na pequena rua
Está mais escuro
Nada me anima
Se houvesse lua
Havia futuro

Silêncio quebrado
Com um ruído
Vindo do chão
Fico espantado
É só o latido
Dum triste cão.

Os olhos do gato
Estrelas caídas
No canto da porta
Fico abstracto
Há vidas
Na noite morta

Posso sorrir
No fim de contas
Tenho companhia
Se conseguir
Juntar as pontas
Há poesia.